Contos

Cadu Garcia

# O sonho de Snu[[1]](#footnote-2)



Num mundo onde a terra não existe, o oceano é visto de todos os lugares e nenhuma lua habita o céu, existem colunas imensas que apontam seus capitéis[[2]](#footnote-3) na superfície: elas não seguram nada e é sobre uma delas que vive Snu.

Snu é uma mulher imortal tão antiga quanto seu mundo, ela passa a eternidade junto ao imóvel oceano e o escuro céu que também não tem sol. Apenas uma luz brilha fraca no horizonte continuamente.  
Tudo é sempre azul e comum, bolhas luminosas escapam do oceano e alçam aos céus, muitas vezes Snu brinca com elas e tenta unir duas fazendo que fiquem maiores e maiores sempre.

Snu não tem objetos, não tem roupas, não tem linguagem, mas mesmo assim passa o tempo a cantar e brincar, muitas vezes desejou em suas danças passar para uma das outras colunas perto dela, mas jamais teve coragem de tentar: sempre temeu o oceano e seus segredos. Sempre as bolhas fugiram dele, por que ela se aproximaria?

Mas uma vez Snu teve sua eterna rotina abalada: uma mosca azul, como tudo a seu redor, voou por perto e despertou nela todos os desejos que ela desconhecia.

Desejou voar como a mosca, desejou conhecer outras paisagens e aprender coisas que ali não podia fazer, desejou se cobrir e ter companhia, desejou ver outras cores e poder sentir o calor.

Snu primeiro tentou bater seus próprios braços como asas, mas seus pés não se levantaram. Depois começou a pular e bater os braços, mas, também, nada a fazia voar como a mosca. Ela arriscou: tentou pular para outra coluna e tentar ver se de lá descobria de onde vinha a luz do horizonte.

Mas ela não alcançou e caiu no oceano... O oceano era escuro e ela afundou rapidamente. Lá ela descobriu o que é respirar e percebeu que precisava disso para viver, lá ela descobriu que a dança na água não era como nas colunas. Mas lá ela encontrou algo que poderia se comparar a um abraço, ela sentia as correntes fracas da água passando por seu corpo, como se estivessem acariciando-o, a pressão aumentava conforme ela afundava e o abraço se tornava mais apertado.

Em pouco tempo ela morreu, e toda uma eternidade se afogou em seus próprios sonhos.

# Luyen Mina

O que será contado se passa num lugar onde o inverno é longo e mesmo no verão o chão se cobre de neve. Neste lugar o inverno é marcado por mortes e por isolamento, nesta época as pessoas se internam em suas colônias e por meio ano não sentem o vento, porque ele se torna o Carregador da Morte e deve ser evitado.

As colônias são na verdade aldeias cobertas e fechadas, como se fossem uma única e grande casa. São cobertas de lona de couro de animais e ficam nos lugares menos frios da região – ao lado de escarpas, florestas ou até em grutas, como era o caso desta colônia, chamada Colônia da Pedra Vermelha.

Luyen Mina era uma jovem senhorita da colônia, amada por todos e abençoada pelas deusas da beleza. Era aprendiz nas artes de cura e passava o dia no alojamento dos doentes com seu mestre de cura, um velho homem.

Tinha dois pretendentes, mas eles não disputaram sua mão ainda, fariam isso no verão, quando o Carregador da Morte voltasse a ser o Espalhador de Neve.

Nas colônias as pessoas dormiam nos alojamentos, em camas de madeira, muitas em um longo caminho de camas paralelas e o corredor passando aos pés das camas.

Existia uma cama que ficava sempre vazia e estava isolada num cômodo separado, ao fim do corredor de camas principal.

Outro cômodo era o alojamento de cura, existiam outros lugares na colônia: o armazém, a oficina, o salão principal, onde todos passavam o dia e faziam as refeições em volta de uma fogueira acendida no centro, também outros lugares necessários para a vida daquela gente.

Ali tudo era branco ou cinza, como toda a região, com exceção das paredes externas da colônia, de cor avermelhada.

Luyen usava uma capa azul sobre seu vestido branco, seus cabelos loiros eram cacheados e tocavam as pontas nas últimas costelas.

Certa vez, quando todos já tinham se deitado, as tochas estavam acesas, como sempre ficavam, ela foi visitar o alojamento de cura. No teto existiam pontas de ferro para sustentar a estrutura, misteriosamente a capa de Luyen subiu e se prendeu às pontas. Ela ficou ali, pendurada pelo pescoço sendo sufocada por uma força misteriosa.

Seu mestre ouviu seu gemido e o ruído dela tentando se libertar. Ela ficou inchada e puxava a capa com força, tentando se sustentar pela força dos braços, não pelo fôlego do pescoço.

Ele conseguiu rasgar a capa de Luyen e tirá-la de lá. O velho homem a aconselhou a não provocar o Carregador da Morte e nem sequer pensar no lado de fora da colônia.

Mas naquela noite Luyen começou a ter delírios e se debater em sua cama no alojamento.

Um de seus pretendentes levantou de sua cama no grande corredor de camas e ia sentar ao lado da fogueira que jamais se apagava e viu assustado que Luyen estava voando nua sobre o grande corredor de camas, ela batia os braços como asas e uma de suas pernas estava esticada para baixo, outra encolhida.

Ele gritou a forma que a chamava:

— Mina!

Logo o outro pretendente acordou e sentado na cama gritou:

— Luyen!

No instante seguinte ela entrou no cômodo da cama vazia e encontraram ali seu corpo. Mas outros entraram no Corredor de Camas gritando que Luyen morreu, vinham da fogueira, do alojamento de cura, do armazém, do portão e do corredor principal de acesso aos alojamentos, encontraram um corpo dela em cada um desses lugares.

Luyen Mina teve tantos funerais quantos corpos dela encontraram na colônia. Ainda dizem que é possível ouvir o gemido de Mina junto aos passos do Carregador da Morte.

# A Tecelã de Luas

Este conto se passa nas terras do Carregador da Morte e do Espalhador de Neve, na Colônia da Pedra Vermelha.

Era verão, mas, como é normal na região, a neve cobria o chão. Ao lado de fora da colônia existe um lago de água quente, alguns passos afastado do portão. Lá estava sentado um garoto observando o reflexo que a água produzia. Dizem que aquelas águas são esquentadas pelo calor que vem de baixo da neve[[3]](#footnote-4).

Dentro da colônia existem partes onde se ensinam as tradições antigas, como a escrita e a história dos antepassados e suas aventuras, inclusive a de Luyen Mina. Nesta época a colônia já era muito maior que na época da moça.

Um dos mestres ensinava sobre os muitos seres que povoam o mundo e a região, ele contava de uma lenda antiga, de uma mulher que vive aprisionada pelo Carregador da Morte, seus vestidos são brancos e também seus longos cabelos cacheados, ela passa o verão aprisionada sob a neve fiando neve e com os fios tecendo grandes esferas brilhantes muito parecidas com luas. Vem o inverno e o Carregador da Morte carrega suas luas para o céu e as despedaça, fazendo com que as tempestades de neve aconteçam.

Ela chora em sua prisão todo o inverno e no verão volta a fazer seu trabalho, na esperança que um dia possa se libertar. Na verdade esta mulher era feliz e se casou com o Espalhador de Neve, sem conhecer seu lado Carregador da Morte. Sua esperança é que seu trabalho possa libertar a ela e seu esposo do Carregador da Morte.

Depois de muito trabalho a Tecelã de Luas conseguiu tecer uma lua em volta de seu corpo e quando o Carregador da Morte veio não a encontrou, ele não se importou e levou a lua para despedaçá-la. Sem perceber rasgou o corpo da mulher e a neve veio vermelha.

O sacrifício fez despertar no vento o Espalhador de Neve antes da época e então ele carregou o mundo para mais perto do sol, fazendo com que a neve derretesse e causando a sua morte e também a do Carregador da Morte.

Mas dizem que esses ventos sempre retornam, e que a Tecelã de Luas continua a tecer no mundo dos mortos muitas luas, pequenas e grandes.

# O dia 21 e ½

Deixando a endorfina afetar os neurônios e *viajando* acabei criando essa historieta:

Deveria ser dia 22, mas quando acordei o dia estava com um jeito diferente. O ar tinha cheiro de terra molhada, mas não tinha chovido durante a noite e mesmo quando chovia, o cheiro nunca era de terra molhada, moro numa cidade!

Deveria ser dia 22, ao menos fui dormir e olhei no celular: marcava dia 21. Quando acordei o celular não funcionava, o relógio de parede mostrava o horário normalmente: 9h25. “Oh não! Estou atrasado!” foi o que pensei naquele dia.

Deveria ser sábado, normalmente não trabalhava aos sábados, naquele dia ia trabalhar em casa, tinha que entregar um projeto para um cliente numa conferência virtual às 8h... Já tinha perdido.

Para ajudar eu entraria na conferência de mãos abanando: não tinha terminado o projeto ainda! Planejava ter acordado às 5h30... O celular estava marcado para despertar nesse horário.

Estranho foi quando liguei o computador, a internet não ligava! Peguei o telefone e estava mudo.

Não moro sozinho, mas a casa parecia tão deserta... Percebi que ninguém estava acordado, era estranho mas mesmo assim não quis chamar ninguém, tomei meu café imaginando a bronca do patrão.

Liguei o computador e comecei o projeto, fazia com calma, já que tudo que poderia ter dado errado, aparentemente, já tinha.

Passei toda a manhã fazendo, fiz uma pausa para almoçar e voltei ao projeto. Tomei meu banho, preparei minha janta e perplexo fui ver se minha família estava viva, ainda não acordaram! Estavam ao menos respirando...

Fiquei na janela por um tempo observando a rua, completamente vazia! Não havia nuvens e o sol ainda assim brilhava fraco, aquele seria um dia quase apagado, tudo parecia tão parado.

Tentei ver a TV mas ela só chiava, o mesmo para o rádio. Eu me senti uma ilha então resolvi dormir mais cedo.

Salvei o projeto num disquete e coloquei na cabeceira da cama, dormi tranqüilamente, apesar dos aparentes problemas que pensava ter causado.

Acordei às 5h30 no dia seguinte, com o despertador do relógio. O dia anterior pareceu um sonho... eu teria duvidado de sua realidade quando olhei a data no celular, 21 de junho, não fosse o disquete ao lado dele. Eu levantei e fui olhar a rua, eu vi um carro passando e isso já me deixou contente.

Eu terminei o projeto no dia antes da entrega, não teria que ouvir as broncas do patrão... tinha mais tempo para dormir e com certeza, acordaria com o barulho de alguém da casa.

# A Maldição do Pequeno

Amaldiçoado me tornei. Outrora fui um bom homem, pai de família e respeitado aldeão.

Eu vivia numa aldeia, o sol sempre foi bom conosco e as chuvas nunca destruíram nossas casas.

Acordávamos todos antes do amanhecer, nos preparávamos para o dia, nosso desjejum era sempre farto e agradável. Comíamos todos juntos, sentados sobre nossos calcanhares no gramado. Comíamos frutas, bolos, pães, manteiga, leite e sucos.

Partíamos ao trabalho, à cria dos animais e semeadura e colheita de nosso sustento. Almoçávamos nossos legumes e nossas carnes e ovos, tomávamos chás e festejamos juntos muitas noites.

Não havia intrigas em nossa pequena aldeia. Nossa vida era realmente agradável.

Certa vez um pequeno apareceu no bosque próximo à aldeia, uma criança foi a primeira a vê-lo, depois outras viram e ele era sempre o tema das brincadeiras e conversas. Nós, pais, ficamos preocupados e nos juntamos para ver quem era esse pequeno e conferir se não seria uma ameaça para nós.

Na primeira viagem não encontramos nada e acreditamos ser a imaginação das crianças.

Mas elas insistiam e isso começou a irritar muitos de nós, inclusive eu. E a desarmonia surgiu, foi aí que uma das crianças adoeceu. Era um amigo de meu filho primogênito.

Teve febre, suou frio, vomitou e teve calafrios, por três dias, depois fugiu do repouso para o bosque e foi encontrado morto, mas seu rosto mostrava um sorriso, em sua mão um brinquedo, um boneco de um pequeno elfo.

As crianças se apavoraram, os pais se enfureceram, mas nada foi feito além de proibir as crianças de visitar o bosque.

Dias depois nossa horta secou, todos os legumes morreram, cenouras, batatas, alhos, cebolinhas, salsas... tudo morreu misteriosamente. E no mesmo dia um vento suspeito soprava, o vento parecia anunciar um grande mal.

Era um dia de festa, mas ninguém sorriu. Todos se lembravam, do garoto morto e do pequeno elfo de brinquedo, lembravam-se de sua doença e da horta seca. O medo se tornou nosso companheiro.

Eu era valente, e naquela noite decidi que procuraria aquele pequeno que nos fez tão mal. Tomei uma tocha e a acendi, com uma foice saí à sua procura,mas meu filho me viu sair e correu atrás de mim.

Ele me contou que eu não deveria ir, me disse que o elfo não nos faria mal se o deixássemos em paz, ele contou que o elfo procurava amigos e que o garoto que morreu foi atingido acidentalmente pelo dardo do elfo, que pretendia acertar a mãe dele, que praguejou contra o elfo.

Eu fiquei assustado com tanto que ele sabia e logo perguntei de onde ele inventou aquilo, eu me assustei com o que vi em seguida! O pequeno estava atrás dele e saiu!

Num ímpeto eu cortei-lhe ao meio com a foice! Matei um elfo!

O vento logo pronunciou meu destino, se tornou pesado e frio, eu senti um forte calafrio.

Meu filho, assustado, arregalou os olhos e começou a chorar compulsivamente até cair ajoelhado no chão e prostrar-se morto, com expressão de dor.

Eu me desesperei e gritei. Gritei muito alto. Não estava fora da aldeia ainda, mas ninguém me respondeu nem foi olhar o que tinha acontecido, eu demorei a perceber, mas tudo à minha volta morreu junto com meu filho e seu amigo elfo.

Entrei em todas casas e todos dormiam profundamente o sono sem despertar. Apenas eu sobrevivi a meu ímpeto.

Eu acabei adormecendo no próprio gramado, no dia seguinte não fiz desjejum, não havia o que comer: até nossos estoques estragaram.

Eu fui amaldiçoado por matar um pequeno, desde então todos aqueles de quem me aproximo são acometidos pela doença do pequeno e morrem dias depois: apenas eu vivo, carregando a morte e o riso sarcástico e amargurado do pequeno no vento que me acompanha.

# Mundos individuais – reflexo da alma



Minha vida sempre foi triste, meu nascimento foi difícil e em meus sonhos as brumas sempre me chamaram.

Fui uma criança só, sem amigos e temida por outras crianças. Alguns mais ousados me humilhavam e me faziam sofrer.

Certa vez um grupo de moleques se armou com muitas pequenas pedras e armaram uma pequena tocaia no caminho que eu sempre fazia, eu caminhava contando as pedras da rua, como sempre fazia, e fui surpreendido por uma pequena pedra que me acertou no ombro, depois outra nas têmpora esquerda, as seguintes eu não pude identificar de onde vinham nem onde acertavam.

Cheguei em casa naquele dia cheio de feridas e com um pouco de sangue escorrendo, mas jamais contei a verdade a ninguém, mesmo que eu soubesse.

Ia à escola e voltava para casa, contando as mesmas pedras da rua, sempre pelo mesmo caminho. Minha rota não era a mais curta nem a mais segura, mas eu a seguia porque era mais escura e deserta, eu tinha medo das pessoas e as evitava.

Quando chegava em casa ia brincar isolado em meu quarto, fechava-me lá e não saía antes de anoitecer, muitas vezes sem nem mesmo comer. Lá eu contava todos os dias as ondulações das cortinas, contava as madeiras do forro do telhado, contava até os fios das cochas. Quando minha habilidade em contar se tornou inerente à visão eu passei a brincar com números e a fazer desenhos.

Eu calculava tudo que pudesse imaginar, desenhava o que sonhava.

Apenas nos meus sonhos eu era feliz, em meus sonhos eu vivia num mundo que era só meu, num mundo onde outras pessoas não existiam. Nessa época eu entrava para a adolescência, meus pais se preocupavam comigo.

Eu tinha um pequeno irmão que, por conta de seus amigos, me ignorava completamente, ele odiava-me por eu ser como sou.

Eu quase nunca via o sol, por isso era branco e era possível ver minhas veias pela pele. Eu não era um garoto bonito. Desejava viver para sempre no mundo dos sonhos.

A cada dia eu dormia mais tempo, ansiando um dia não acordar.

Mas isso demorou a acontecer. Eu cresci mais, levando esta vida sem amigos e sonhando sempre. Meus desenhos tornavam-se repetidos, eram paisagens nebulosas e cinzentas, uma bruma parecia abraçar um personagem em meus desenhos e sonhos, este personagem era eu.

Um dia eu sonhei com alguém em meu mundo, eu senti ódio daquela voz num primeiro momento, mas depois percebi que era minha própria voz. Ela me chamava para viver naquele mundo para sempre, de onde eu poderia ver o mundo em que vivia, de onde eu poderia observar sem ser observado, onde não teria que contar as pedras nem temer a luz.

Naquele mesmo dia eu atirei-me de uma ponte e meu sangue se espalhou pela margem do rio em que caí. Minha cabeça se tornou em pedaços na pedra em que bateu. Foi a primeira vez que andei numa rua com movimento em minha vida. Mas na morte não foi a única.

Minha história começa exatamente quando deveria acabar.

Eu vi meu corpo morto e desfigurado no chão, meu cabelo despenteado nos pedaços de crânio espalhados por lá. Eu não senti arrependimento, não conhecia este sentimento, e nenhum outro.

Eu percebi que estava no mundo de meus sonhos, mas me decepcionei quando percebi que não estava sozinho – mas ao menos não era visto. Na minha cidade nada tinha cor, as casas eram cinzas, o rio escuro e a grama quase sem verde, o céu sempre nublado e o dia sempre frio. Telhados negros ou cinzentos, portas brancas ou negras, tudo tão cinza e triste parecia me chamar para a atitude que tomei.

Eu reconheci garotos da escola, reconheci um dos que me feriu com a tocaia, não senti ódio, nem na ocasião. Eles pareciam fantasmas em meu mundo.

Eu tentei tocá-los, mas não conseguia.

Em uma esquina eu estava, e eles passariam por ela, alguém vinha correndo de onde eles não podiam ver e com certeza iam se bater. Não sei como nem porquê, mas eu desejei impedir isso e um vento forte veio na direção dos dois e eles diminuíram o passo o tempo suficiente para se assustarem com a pessoa correndo que passou por eles, eles exclamaram juntos: “Que sorte!”.

Nesse meu estado em que ninguém me via eu observava as pessoas, e lentamente deixei de temer as multidões. Sentava-me no banco das praças e observava, assim descobri o amor, o medo, a raiva e o ódio. Descobri lentamente os sentimentos humanos.

Mas chegou um dia em que descobri uma forma de me fazer presente sem ser chamado ‘sorte’. Como eu adorava sonhar e sentia o mundo dos sonhos me chamando imaginei que eu poderia voltar a ele, e nele conversar com outros.

Pela primeira vez em minha memória senti vontade de conversar com alguém. As pessoas não conheciam minha voz em vida, e mesmo eu pouco me lembrava dela. Durante a noite eu segui alguém até seu leito de repouso e logo a pessoa adormeceu senti como se estivesse sendo sugado para outro lugar.

Quando voltei a mim estava num outro mundo, me tornei fantasma no mundo de outrem. A pessoa me perguntou tantas coisas, e eu soube responder. Senti-me tão feliz como jamais tinha experimentado. Passamos toda a noite conversando nos sonhos daquela pessoa. Amanheceu e ela acordou, eu fui solto daquele mundo, ansiando por visitar outro sonho.

Assim eu aprendi sobre as pessoas, um fantasma invadindo sonhos de outros, conversando, contando e olhando. durante o dia eu vagava, sem contar mais as pedras, mas olhando nos rostos e olhos das pessoas. Todas elas pareciam guardar dentro de si uma beleza estonteante, mas a maioria a escondia atrás de um rosto cruel que não tinham em seus sonhos.

Quando já tinha invadido os sonhos de tantas pessoas que nem minha memória de cálculos pôde lembrar eu mesmo caí num sono profundo, e sonhei, como não fazia desde o dia em que meu crânio se partiu.

Em meu sonho eu estava num lugar escuro, uma iluminação fraca me guiava. Lá eu vi um lago escuro e profundo, sua água era densa e ondulava tão pouco, parecia tão calma e tranqüila.

Aproximei-me, pisando na terra fofa e escura, tudo em volta parecia vivo com o jogo de sombras que se formava. No lago uma cena se formou, parecia que uma tocha se acendia dentro dele e me mostrava um pequeno ovo, em torno do ovo uma luz magnificamente bela e colorida, eu jamais tinha visto algo tão colorido!

Eu sorri.

Um halo do cores se formava e dançava em torno do pequeno ovo branco. Mas uma casca ainda maior cobriu até as luzes e mostrou um rosto marcado por cicatrizes, um rosto triste e branco, que nunca tinha visto o sol. Era o meu rosto.

Eu tive medo. O lago se ondulou e agitou todo.

Caí num desespero terrível como jamais imaginei ser possível, eu tentava gritar, a princípio não conseguia, mas depois o grito soltou tão forte e agudo, tão alto e terrível. De repente eu via aquele rosto de novo, não via mais o lago nem nada, apenas aquele rosto.

Em meu desespero eu viajei para dentro de mim. Atrás de meu rosto pude ver as cores que dançavam desaparecendo, o ovo permanecia lá. Eu me aproximava do ovo e ele se quebrou. Dentro dele um enorme labirinto cheio de espinhos e monstros.

Algumas pareces eram coloridas, outras cinzentas, outras transparentes, foscas, translúcidas, brilhantes e até esponjosas ou perfuradas.

No centro do labirinto, onde custei muito a chegar, encontrei uma roda gigante, eu caí no centro dela. De lá eu pude ver tudo que antes eu vi. Vi sentimentos, fúria, desespero, medo, amor...

Por um instante eu me tornei tudo aquilo, na verdade, eu sou tudo aquilo. Mas pude sentir cada onda do lago, pude sentir cada brisa que soprava sobre ele, pude dançar em luzes e sombras.

Eu encontrei o centro de minha alma.

Aprendi então a amar as pessoas, aprendi seu valor.

Mas não há como contar, não existem palavras que descrevem minha experiência. E não existem palavras que expressem o tamanho do meu desejo em nascer novamente e ser vivo novamente. Quando descobri que tudo aquilo eu poderia ter conseguido sem sacrificar a cor das minha visões, sem sacrificar o calor e presente de não ser chamado sorte.

Mas eu destruí meu corpo, e não tenho mais olhos para refletir o rosto de outros, para mostrar-lhes suas almas. E não tenho mais rosto para ser refletido em olhares. Só uma vez pude ver minha alma.

Eu acordei, e ainda era um fantasma. Nos sonhos dos outros eu tento ser gentil, tento dizer que no fundo do poço de um olhar existe um reflexo belo e negro, terrível e admirável.

Mas eu sinto que mesmo onde estou é possível encontrar a cor, e ela eu busco.

# Todo momento que vivo é agonia.

No passado eu era um vigoroso guerreiro, um sábio homem e poderoso feiticeiro.

Era respeitado em todo lugar que ia, minhas ervas eram famosas por longas distâncias e minhas predições sempre respeitadas. Lendas contavam que eu era um imortal, um deus.

Mas eu tinha uma terra natal, jamais quis voltar, fui banido quando era jovem, por não ser o mais correto dos jovens, por não ser como se esperava que eu fosse. Em minha terra natal, onde os ipês floresciam lindas pétalas e perfumes púrpura, eu era considerado um vadio, um irresponsável sonhador.

Lá, eu fui criado como todas crianças sempre foram: lapidaram em mim uma imagem que deformou minha alma e me fez perdê-la, esqueci-me, como todos os outros, o que sabia quando nasci, esqueci os motivos que me fariam desejar continuar vivo.

Assim minha vida se tornou uma absoluta agonia, não conseguiram extirpar de mim os olhos da alma, os olhos que me mostravam apenas uma luz ofuscante que os machucava, que os esquentava até queimar. Todas as noites eu chorava diante daquele dia interminável, depois de seções e seções de tortura chamada por eles intimidade do vilarejo.

“Somos todos um e nos teremos para sempre, devemos nos conhecer.”

Ah! Agonia, sempre agonia. Eu não criei a tempo a carapaça de mentiras que todos tinham. Nenhum deles um dia ousou observar o próprio reflexo no olhar de outrem, nenhum deles poderia sonhar com o próprio rosto. Nenhum deles sabia o que realmente era, e até este momento não sabem, sua atitude confirma minhas suspeitas.

Nas primeiras viagens encontrei um velho doente. Eu aprendi tanta coisa quando era jovem, mas negaram que eu praticasse o conhecimento proibido de curar, era o destino e os deuses que deveriam cuidar da saúde. Com poucas ervas e cuidados o velho estava curado e andava como jamais andara, nem mesmo nos momentos de sua juventude.

Logo minha fama se espalhou e meus cuidados foram encomendados por diversos lugares e pessoas.

Viajei todo o mundo que conhecia e além dele, descobri que as fronteiras do mundo são infinitas e sempre mentirosas, sempre se alargam e estreitam conforme nossa vontade.

Mas um dia os homens de minha terra natal me armaram uma cilada, temiam que sua terra perdesse a fama que tinha, perdesse a honra por minha causa. Temiam principalmente que seus deuses os punissem por desrespeitar suas vontades. Mas acredito eu, agora, que estes deuses são falsetes, são nomes que os verdadeiros deuses abandonaram por vergonha do que lhes fizeram.

Os antigos deuses encontraram formas novas de se manifestar e encontraram novos valores não deturpados pelos sacerdotes da corrupção.

Eles me prenderam na estrada, atacaram-me como um grupo de ladrões, e quando os lembrei disso, no tribunal que formaram para decidir minha pena, se enfureceram: odiavam ladrões e jamais poderiam admitir ser comparados a eles, mesmo que tivessem agido da mesma forma.

Estavam cegos e mergulhados em seus valores chocados e inválidos, mortos sufocados no próprio abraço!

Decidiram por uma pena única, absolutamente cruel.

Sabiam do meu amor pela chuva, do meu gosto por dançar ao vento nas noites com lua, sabiam que eu adorava observar o dia e mesmo sentir o calor do sol.

Tiraram-me tudo que eu amava.

Existia uma torre ao norte, abandonada pelos deuses, e lá uma prisão escura: de dentro dela não se sabia se era dia ou noite, não se sentia o vento nem se ouvia a chuva.

Terrível.

Agonia.

Fui lá trancado!

E para que eu vivesse mais inundaram com sangue de animais sacrificados a prisão, misturaram água.

Fui fechado e preso, minha agonia, que antes era uma busca pelo vazio que me deixaram, agora era a estagnação e o isolamento.

Passei por dias de isolamento e silêncio absoluto, meus medos mais terríveis se revelaram. Agonia era tudo que sentia.

Sentia meu corpo absorvendo aquela água sangrada e aquilo me tornou tão feio, monstruoso.

Eu sentia-me sozinho, como se um novo mundo surgisse e nele apenas eu existia. Logo até mesmo meus sonhos eram esta agonia negra e escura.

Minha vista nunca se acostumou aquela escuridão, era realmente absoluta.

Não sabia mais quantos dias se passaram...

Cheguei a acreditar que havia morrido e estava num dos mais terríveis infernos.

Não reconhecia mais quando estava acordado e dormindo.

Lá meus conhecimentos pareciam inúteis.

Consciência, palavras, pensamento, lógica. São coisas que no silêncio e no isolamento, em nosso terrível mundo negro, para nada servem.

Um dia o medo deu lugar ao conforto, sentia-me eterno, tornei-me o imortal que diziam que eu era.

Ingênuos inquisidores! Pensaram dar-me a tortura e a punição quando deram-me a glória!

Até que minha alma se tornou forte o suficiente para ver novamente, pude ver fora da torre e não me ofusquei, não me assustei. Nada mais me dava medo nem alegria.

Minha percepção aumentou tanto que pude sentir o ruído da chuva novamente e ouvir o canto dos pássaros, que nem fora da prisão poderia ser ouvida naquela altura.

Um homem guardava a torre, e minha prisão. Tinha a sensação de que, se quisesse, poderia matá-lo. Mas eu não quis.

Seria estúpido me vingar por ter recebido um presente como este.

Ao contrário, deveria ser grato, deram-me a eternidade!

Enquanto aumentava cada vez mais minha sensibilidade percebi um novo feiticeiro se aproximando da torre, eu podia ver também seus pensamentos, e ele desejava me destruir, sabiam do meu poder, sabiam que a eternidade me foi dada.

Eu não lhe fiz nada, até que se aproximasse da torre, ele dormiu em sua viagem, era seu último sono antes de chegar a seu destino – o que esperava, mas foi o que eu lhe dei que teve.

Despertou com um grito de agonia, um olhar desesperado, sua mente gritou a dúvida e o medo, não esperava jamais que meu poder pudesse alcançá-lo, arranquei-lhe a pele do rosto e arranquei-lhe os braços, sangrou até morrer. Seu medo vendou-lhe a mente e não soube o que fazer para sobreviver.

Logo o mundo sabia de minha maldição, logo criaturas terríveis vieram do mar e destruíram as cidades próximas, logo todo o meu mundo se tornou mentira e lenda... também eu.

A minha agonia foi devolvida.

As criaturas logo deixaram a superfície e voltaram ao mar. Apenas cidades desertas e corpos que se tornaram ossos, e estes, pó, ficaram para trás. Vilarejos deixaram de existir, nem seus rastros permaneceram.

A chave da prisão estava perdida. Meu corpo tornou-se líquido, mas ainda é meu corpo! Enquanto ele existir minha alma será como é hoje, enquanto meu corpo líquido existir viverei.

Todo momento que vivo é agonia.

Solidão e agonia, disto é feita a minha existência, mesmo que seja eterna.

# Dragão Vermelho

— Pai! Deixa que eu vá para a guerra! Por favor — e se ajoelhou diante do rei.

— Não se humilha! Não irá à guerra! Ainda não está pronto nas artes de guerra e será um estorvo para os guerreiros que terão que te proteger!

O garoto cursou-se ainda mais, implorando a permissão e derramando lágrimas. Foi interrompido por um chute do rei em seu rosto, ele vestia uma bota de couro muito dura, era negra e estava pouco suja com terra, era uma poeira clara, mas que pouco estragava a beleza daquela bota real com fivelas douradas.

— Não ofereço nada a quem me inspira piedade! Será um verme nas terras desertas! Não é mais meu filho e jamais lutará sob meu estandarte ou navegará em meus barcos! Nenhuma pilhéria será partilhada com *você[[4]](#footnote-5)*, verme!

O garoto ficou caído na frente do rei, cobrindo o rosto, molhado com lágrimas e sangue. Logo o rei ordenou:

— Arranquem-lhe as roupas que carregam a insígnia de minha família! Levem este verme para o Oeste! Para fora dos limites do reino! E o abandonem lá! Lá onde os fracos devem perecer, onde aqueles que inspiram piedade devem apodrecer e ter o que merecem! — deu uma pausa e olhou todos os seus soldados de elite — Se souber que o pouparam eu mesmo os matarei e a este verme! — virou-se para seu filho e falou — Jamais retorne a estas terras! Meu filho jamais se humilharia! Mesmo diante de mim! Não és meu filho! — ele falava e sua fúria o deixava com uma sombra que lembrava a de um urso furioso.

A rainha a tudo assistiu, seu rosto era impassível. O garoto tentou buscar nela ajuda mas ela não demonstrou nenhum sentimento, mesmo quando o deixaram nu no salão real e o carregavam como a um ladrão, dizem que as rainhas conhecem os corações dos homens e os segredos do futuro. Ninguém ali demonstrou vontade de não atender o pedido daquele rei enfurecido, nem mesmo demonstravam discordância.

E assim o fizeram.

Arrancaram o príncipe, que se chamava Ádakh, do grande salão real, escuro, com paredes de madeira ornada escura, ornadas com desenhos de trançados e animais em ouro e prata, a iluminação daquele palácio era garantida por todas as janelas altas do salão, que ficava no alto de um morro, no centro da cidade.

Soldados guardavam o palácio real, comerciantes, feiras e um grande mercado ficavam perto do palácio, estaleiros e muitos cavalos, do alto do morro viam as fazendas, onde os camponeses cultivavam a terra e garantiam o alimento da cidade. Ele era arrastado nu, como um ladrão, pela cidade, foi levado ao mercado onde todos o viram e cuspiam nele, mesmo reconhecendo-o, alguns mesmo por isso.

Quando passava pelas fazendas passou por uma casa onde estavam um jovem e uma jovem juntos, pareciam irmãos. Ela o olhou com outros olhos, não o via como uma ladrão, Ádakh percebeu e percebeu-se alterado pelo seu olhar. Como sua mudança não foi apenas interior o irmão da moça percebeu o olhar dela e deu-lhe um forte murro na cara, ao que ela caiu chorando no chão, mas não deixou que o prisioneiro fugisse à vista sem um último olhar de esperança.

Já entardecia.

Durante a noite acamparam, estavam a pé, fizeram uma fogueira e amarraram-no a uma árvore. Logo os soldados adormeceram e depois ele, foi acordado com uma joelhada nas partes e desamarrado, mas forçado a andar mesmo com toda a dor que sentia, forçado por golpes com cacetes nas costelas.

Foi assim por três dias, até que chegaram num morro, e até o horizonte não se via sinal de um humano, tudo era deserto e assustador, até as árvores se torciam, o mato era alto e denso. Acamparam, mais cedo que de costume e esperaram anoitecer, desta vez ele foi o primeiro a dormir, estava cansado, por toda aquela jornada davam a ele pouco de comer e beber. Acordou sozinho, sem nenhum golpe, mas sozinho. Estava desesperado porque ainda estava amarrado à árvore.

Gritou por um tempo, mas logo parou de gritar, viu um movimento numas árvores perto dali, de onde vieram. Era a moça que viu na cidade! Ela correu até ele e o abraçou, dizendo que queria viver com ele, mesmo que naquelas terras. Desamarrou-o e se apresentou, mas seu nome não é importante para nós.

Novamente ele não ficou indiferente à moça, mas ali nada os impedia de fazer o que desejavam. Perto dali existia um rio e depois de deitarem-se juntos foram até lá beber água. Ádakh parecia ter-se esquecido da punição de seu pai, mas não era mais o antigo dócil rapaz, tornou-se deprimido e distante, não sentia ódio.

Naquela noite dormiu abraçado com a moça, depois de muito brincarem juntos, ela levou consigo uma roupa e ele a vestia, uma calça, uma camisa e uma capa que pertenciam a seu irmão. O roxo do murro que tomou ainda era visível.

Ao amanhecer a moça não estava com ele, procurou em torno e não viu nada. Sentiu medo por ela. E logo viu que tina o que temer, percebeu o mato alto se movendo, estava dormindo onde o deixaram. Do outro lado viu um lobo cinza, rosnando, mostrando os dentes, seus olhos cinzentos e vazios. Estava cercado por uma matilha de lobos, eram uns dez ou mais. O maior deles veio por trás de uns deles e eles, tentando impedir que ele se aproximasse, rosnavam para ele, ao que ele respondia com um claro aviso que estaria disposto a brigar para ter o que queria, tentando abocanhar os focinhos daqueles que tentavam impedi-lo.

Ádakh levantou-se correndo, correu para a direção oposta, os lobos abriram passagem, mas o lobo maior correu atrás dele, foi mais veloz e saltou sobre suas pernas, abocanhou as calças e as rasgou, mas o jovem caiu e logo o lobo saltou sobre ele, mas não para devorá-lo, o lobo tentou *encaixar-se* ao jovem, ele tentou fugir mas o lobo rosnava e lobo conseguiu o que queria, ele se debatia de dor, mas não conseguia fugir, logo a dor aliviou e o lobo a uivar, sentia algo enchendo-lhe por dentro.

O lobo diminui o ritmo de suas investidas e os outros se aproximavam, lambiam o corpo do jovem banido. Logo ficou livre do castigo que passou, os outros lobos rosnavam novamente para o lobo maior, antes que ele saísse de cima do corpo de Ádakh o atacaram, Ádakh, pelo alívio da dor desmaiou. Quando acordou estava encharcado em sangue, primeiro pensou que era o seu próprio, mas não, era do lobo, o sangue se espalhava em torno como se o lobo fosse despedaçado e devorado ali mesmo pelos outros.

Sentia-se confuso, perdido, sentia-se humilhado e envergonhado. Ouviu um barulho vindo das árvores, era o grito de sua amada, era meio dia. Estava fraco, mas correu em direção aos gritos. Eram os soldados que lhe levaram até ali e o irmão dela, ele dizia:

— Veio atrás do ladrão! Preferia que estivesse morta! Mas esta punição será suficiente para não desejar outro homem! Viverá reclusa em nossa casa!

Ele gritava isso a ela enquanto os soldados faziam a ela o que o lobo lhe fez.

Não suportou aquela visão, avançou contra os soldados gritando, chamando-os de covardes. O irmão dela, vendo-o, gritou aos soldados para que o matassem! Mas eles ficaram indiferentes, divertindo-se com a moça que se debatia. Um deles se irritou com seus movimentos e enfiou sua faca no peito dela, matando-a. O irmão, atônito, não teve tempo de reagir, um outro lhe enfiou a espada no peito.

Deixaram suas diversões e partiram, Ádakh chorou pela última vez, ao lado do corpo de sua amada, jurando vingança.

Aquele seu irmão seguiu a irmã, depois que deu sua falta, e no caminho encontrou os soldados e os avisou. Os soldados combinaram o que fariam, estuprariam a moça e matariam seu irmão se ele os tentasse impedir, mas não! Estava sendo melhor do que desejavam, poderiam levá-la e pelos três dias de jornada aproveitar-se dela e fora da cidade matariam os dois, ou até quem sabe deixariam vivos para aproveitar-se da moça gratuitamente em vez de aventurar-se com prostitutas, muito comuns em algumas zonas mais sujas da cidade e muito freqüentadas pelos soldados.

Mas o jovem atrapalhou tudo, estragou seus prazeres. Mas deixassem-no lá! Isso não importava.

Logo dormiu, acordou ainda com o corpo desconfortável e sujo de sangue de lobo, olhou para o corpo do irmão dela e percebeu que ele tinha uma adaga, poderia usá-la.

Viajou para o norte, ouviu falar de outra cidade por aquelas bandas quando era jovem. Viajou por dias até encontrar, passou-se mais de uma semana. Lá foi acolhido por uma família de fazendeiros, deram-lhe roupas e comida, já não cheirava a lobo.

Seguiu até o palácio e se apresentou como soldado banido de outro lugar, pediu um teste e isso lhe foi oferecido, ao que passou. Conseguiu disfarçar sua surpresa.

Sua primeira batalha foi no mais longínquo oeste, nas Terras Marrons. Nada que não aconteça numa guerra comum aconteceu. Foram vitoriosos. Por anos Ádakh lutou por aquele rei, era um bom soldado e valorizado. Logo seu valor se espalhou e chegou à sua terra natal: era um guerreiro feroz, lutava como um lobo feroz, seus olhos transbordavam ódio e causavam medo até mesmo nos aliados, era um lobo solitário. Lendas falavam que se banhou em sangue de lobo e o bebeu, que fora amamentado por uma loba ou mesmo que era um filho de lobo, mal sabiam que se aproximavam muito da verdade.

Ádakh cresceu, mas seu ódio era tamanho que mesmo o rei se incomodava, então começou a mandá-lo para guerras cada vez mais difíceis, mas ele sempre vencia, e muitas vezes era o único sobrevivente de todo um comando. Até que começou mesmo a mandá-lo sozinho!

A ele, certa vez, foi ordenado que matasse um poderoso senhor que vivia ainda mais ao noroeste, sozinho invadiu a fortaleza e matou e conquistou a região para si, os sobreviventes juraram lealdade ao novo senhor! Aí o rei viu a oportunidade de mantê-lo distante, deixando que cuidasse de suas terras.

Mas sua ambição e seu ódio não diminuíam, lembrava-se da humilhação que passou e desejava vingar-se. Mas seu senhor estava na estrada que o levaria a sua terra natal, mas não podia quebrar um juramento, assim, como era costume naquelas terras, o senhor que quebra um juramento é morto por seus próprios homens, mesmo que seja o menor dos juramentos. Ninguém ousaria desafiá-lo num duelo, mas poderiam matá-lo enquanto dormisse ou envenenado.

Mas não precisou fazer nada, os dois reinos que Ádakh viveu entraram em guerra e ele não foi chamado à luta, o rei por quem lutava foi morto e o reino conquistado, mas os exércitos das bandeiras do dragão negro, do seu reino natal, não avançaram até as suas próprias terras, onde a terra era negra e o céu mais escuro. Onde os lobos uivavam e os ursos passavam longe.

Ádakh deixou um de seus mais fortes soldados na liderança dos outros e um ambicioso comerciante cuidando de sua cidade, dita como a mais segura da região agora.

Sozinho viajou por semanas até sua cidade natal, disfarçado com uma capa negra, estava vestido todo em roupas negras como o véu da noite. Levava apenas sua espada e a armadura, também negras. Ainda se lembrava dos rosto dos cinco soldados que o levaram ao exílio e poderia reconhecê-los, eram os soldados que ficavam sempre no palácio.

Ao chegar na cidade não foi interrompido por ninguém, era noite já e hospedou-se numa estalaria. Ao amanhecer foi até o palácio e na entrada viu dois dos soldados guardando a porta, tirou o capuz e mostrou seu cabelo negro, seus olhos cheios de ódio e sorriu. Reconheceram-no, mas foram rendidos logo pela espada negra de Ádakh e desarmados. Os trancou numa sala que bem conhecia no palácio, onde ficavam os presos. Estava vazia. Sorrateiro prendeu os cinco soldados, sem ser visto. Sabia muito bem se esconder nas sombras do grande palácio. Depois ele entrou lá e amputou os órgãos que estupraram a moça que amou e depois arrancou os olhos e orelhas de todos, estancou o sangue com sal.

Enquanto fazia isso lembrava-se da fazenda que vira anos antes e que na chegada viu, cheia de mato, como terra abandonada, a casa se tornou ruínas. Isso lhe inspirou mais ódio.

Foi até o salão real, dando uma morte rápida a quem o impedisse. Ao olhar, como sempre, impassivo da rainha, chamou o rei à luta:

— Eis que voltei! Vim reclamar o que é meu e me vingar das humilhações a que fui submetido! Quero o seu trono. — Ódio e frieza de mostrava em seu rosto.

— Aquele jovem chorão nunca mais voltará para este palácio, estou certo disso. Você o matou, lobo negro. Nada devo aos lobos e se quiser meu trono terá que conquistá-lo mostrando-se mais digno dele! Derrota-me num duelo, faz cair o meu sangue e irriga com ele as terras de meu reino! Seja mais justo e forte que eu! — Sua voz era fria, seu físico grande intimidava a todos, mas não ao ódio de Ádakh. Mas foi o rei que iniciou o ataque, sua capa cor de sangue balançava graciosamente com seus ataques, a lâmina de sua espada reluzia, era cinzenta, quase branca, o cabo de prata e ouro.

A rainha a tudo viu, e pela primeira vez uma rainha daquele reino lançou um olhar triste. Sabia os destinos e os segredos deles. Levantou-se silenciosamente enquanto lutavam, ia em direção aos dois. Seu passo pareceu calculado, logo o rei tomou o golpe mortal ela estava sobre ele, consolando sua morte e fechando seu olhos, ouvindo suas últimas palavras e seu último suspiro.

Ela olhou, fria novamente, para aquele que foi seu filho. Nenhuma palavra falou. Saiu do palácio e reuniu, secretamente, todos os soldados que pode. Enquanto Ádakh chamava um feiticeiro para anunciá-lo como novo rei, e sua primeira lei era que os soldados, todos, deixariam de ser soldados e se tornariam servos dos camponeses, naquela cidade apenas guardas de outros lugares de seu reino poderiam portar armas.

A rainha sabia disso, vivam numa cidade próxima ao rio, ela tomou seu cavalo e chamou todos que pôde para a fortaleza-doca e seu comando navegou para o norte, fugindo da tirania de um banido, sob uma vela negra, com um dragão estampado, vermelho.

# A Mãe Eterniza Seu Filho

Tanto tempo esperando que ele viesse.

Primeiro foi um choque, foi terrível saber que toda sua vida mudaria, que nada seria como antes. Seu corpo mudou, sua sensibilidade aflorou, sua pele brilhava... Nada foi como antes até aquele momento.

Então tudo mudava de novo, o que foi ruim primeiro se tornou doce, se tornou um sonho, mas desmanchava de novo.

Seu amor, que cresceu do nada, que crescia como ele, e além dele, estava enorme agora... seu sangue jorrava e seu amor só crescia. Suas lágrimas e seu choro eram assustadores.

Seu filho nascia, antes do tempo. Ele morreria: não poderia sobreviver com tão poucos meses, sua barriga mal tinha começado a crescer.

Em seus braços o filho, ainda ligado pelo cordão umbilical, tentava chorar, parecia tentar gritar... mas não tinha fôlego, não tinha ainda meios para isso. Sua dor só fazia aumentar o amor de sua mãe, ela sofria com ele.

A morte lhe aterrorizou, pensar que seu filho deixaria de existir para sempre, que não seria mais que uma lembrança desvanecida, que aquilo tudo se perderia em brumas de um tempo promíscuo e irresponsável!

Sua vida toda mudou por ele e agora ele a deixava. Parecia não querer deixar vestígios físicos, parecia não querer deixar vestígios nem mesmo na memória. Seu grito silencioso enfraquecia mais, ele não mais se contorcia, sua vida acabava...

A dor do amor dela, a mãe, foi terrível!

Suas mãos sujas de sangue não queriam que ele partisse, que todo aquele sonho deixasse de existir. Não queria imaginar ter que limpar todo o lugar de seu sangue, de ver tudo escorrendo... de deixar o filho mal gerado ser devorado pela terra!

Devorado ele seria... de qualquer forma: por vermes ou pelo fogo! E ambos o tirariam dela para sempre, o teriam para si! Roubariam o filho que ela sonhou – mesmo sem saber, e que agora lhe fora tirado. Seu próprio corpo a traíra e expulsara seu filho...

Ele parou de se mexer... com uma expressão medonha de dor.

Tudo que sobrou à mãe foi um vazio dentro de si, e devia preenchê-lo. Havia uma forma de manter seu filho vivo para sempre dentro dela, de gerá-lo de novo em si, de fazê-lo eterno dentro de sua memória que permaneceria mesmo depois que ela morresse – ela tinha um nome, tinha uma vida, poderia carregar a memória de seu filho consigo.

Olhou-o pela última vez em suas mãos, abraçou-o, sorriu-lhe, e prometeu-lhe que de novo entraria em seu ventre e seria eterno lá.

Ao fim sua tristeza cedeu: até os ossos devorou.

# A Tília

Mais um dia.

Tílio, o aposentado, estava em seu posto de sempre, na rua, só observando as pessoas: suas atitudes, roupas, gestos, conversas, olhares; de algumas chegava a criar teses sobre suas personalidades, sobre suas almas e valores. Tentava desvendar os mistérios da alma humana.

Tinha certo repúdio por árvores e animais, mas ficava numa alameda cheia de tílias, irritava-se com suas folhas secas caindo a seus pés, era pior quando o vento as fazia roçar em seu corpo durante a queda! Não suportava quando isso acontecia, e praguejava tanto!

Era um desses velhos ranzinzas, com muito assunto mas realmente pouquíssima disposição para conversar. Raramente chamava alguém para conversar e normalmente era para julgar alguém, dar conselhos que não lhe foram pedidos, condenar atitudes… quantas vezes não quis dar um esporro em alguma criança traquinas! Mas seu chamado sempre foi ignorado, quando muito apenas lhe dirigiam um olhar apressado e logo desviavam, pisando nas folhas secas de tília, com aquele mais detestável crec-crec. Assim estava sempre sozinho, e mesmo assim estava ali para julgar qualquer transeunte sob chuva ou sol, no frio e no calor.

Não tinha noção de tempo, perdia-se nele entretido em suas observações sobre os outros. Não tinha amigos ou família, não tinha posses e há muito não via algum rosto familiar de sua época sociável. Parecia fazer questão de não conhecer gente nova. Era tão duro consigo mesmo, não se permitia pensamentos depravados, não se permitia desviar a atenção do julgamento dos outros – há! Os outros: seus eternos réus.

Mas a eternidade se manifesta fora do tempo e não era neste campo que Tílio observava. Seu olhar crítico esqueceu-se de julgar a si mesmo e colocar-se em seu lugar, e, como ironia presenteada como vingança pela própria eternidade, um dia todo seu mundo e seu julgamento caíram.

As deusas das tílias fizeram cair as flores de toda a alameda naquele dia. A eternidade, a princesa do além-tempo, que jamais poderia entrar nos reinos do príncipe tempo, enviou seu carro carregado com aquilo que faria cair a torre onde se passava o julgamento de Tílio. Ali estava sua morte, não veio para arrebatá-lo, mas para domar sua alma, para enforcar sua arrogância e vê-la perdida entre o sol e a lua, fazer brilhar uma nova estrela na alameda dos loucos, dos pioneiros e dos amantes. Tílio, o príncipe do mundo, se perderia no seu lugar de fantasias e excessos, tornaria-se um andarilho perdido, vivendo pela sorte num mundo de sombras e, ali, de olhos vendados, encontraria de novo seu equilíbrio ou cairia na loucura, para nunca mais voltar.

Uma criança se aproximou, e um cachorro, pequeno e tão doce… pareciam dois seres do outro mundo, indo levar notícias e mensagens a um grande homem. Tílio não resmungou. Vinham em sua direção e isso o excitou, o extasiou: enfim companhia.

O cachorro tomou a frente, ele era branco e suas orelhas amarelas, só elas não eram brancas naquele animal que dançava, não corria.

Ele cheirou os pés de Tílio, abanava o rabo. Ele o notou!

Ah! Como era bom ser notado, ser percebido e… até parecia que ele o amava, abanando o rabo daquela forma. Levantou os olhos para o alto, para ver Tílio inteiro! Sua felicidade foi tamanha que sentiu como se seu coração se derretesse… e sentiu mesmo seus pés úmidos…

– Beni! Não faça xixi nas árvores! – o garoto gritou, era para o cachorro. Tílio arrepiou. O véu estava escuro, ia chover forte, mas o sol aparecia, baixo, perto do horizonte, caindo lentamente para se pôr, irradiando uma luz cruel e mórbida, sarcástica… mostrando a Tílio a urina do cachorro, que brilhava em seus pés.

Não faça xixi nas árvores! Mas o cão urinou nele! Tílio teve medo. O garoto passou reto sem nem lhe pedir desculpas, o cachorro continuou correndo pela alameda depois disso. Ele não conseguia se abaixar para se limpar. O vento do entardecer fez cair mais folhas perto dele. Mais do que nunca elas o irritaram, mas não conseguiu resmungar, as pessoas passavam por ele e nem mesmo o olhavam…elas costumavam observar e rir às escondidas quando alguém passava molhado ali… mas não dele – e não era respeito: era indiferença. Nem viam graça nem indignação, mal olhavam… aquilo lhes era natural.

Tentou pedir ajuda mas o ignoravam.

Então começou a pensar, sobre como as coisas mudaram. Lembrou-se quando era um respeitado homem em sua vizinhança…e lembrou-se que teve família um dia, mas não se lembrava que fim ela teve.

Buscou em sua memória, mas nada encontrou, por toda aquela noite… perdeu-se no tempo, de novo, e ao amanhecer viu uma movimentação estranha na rua: bombeiros com serras para cortar árvores preparavam-se para cortar alguma tília. Ficou realmente feliz com isso, uma dessas árvores-despenca-folhas a menos para lhe importunar. Mas só cortavam árvores doentes, ele sabia reconhecer uma – não encontrou nenhuma. As serras forma ligadas, o perímetro de segurança montado. Começaram a lhe cortar.

Tílio se lembrou.

Sua família vivia bem. Seu filho trabalhava e sua esposa era uma boa avó que fazia doces aos fins de semana, às vezes sentia falta dele, mas vivia bem. Ele teve problemas no coração há muito tempo e foi internado num hospital, morreu.

Viu então como as pessoas se vestiam diferentes, como o mundo era outro e os anos se passaram. Ele renasceu como árvore…e só se deu conta disso quando o matavam de novo.

Só tinha um lasco de tempo até cair na eternidade de novo, entre os mortos, só tinha este tempo para ver o mundo como árvore. Sua arrogância o cegou antes e nunca admitiu sua condição.

O primeiro galho caiu…

# Montanha

Tudo isso se passa num crepúsculo, no instante mais vermelho do céu, num lugar que viu sua sacralidade ascender e decair, viu sua glória e sua decadência.

Muitos anos atrás, quando as pessoas ainda subiam pirâmides para fazer sacrifícios, quando ainda temiam eclipses, quando a fertilidade era associada por todos ao poder de muitos deuses, vivia um jovem talentoso.

Seu nome foi esquecido, mas sua alma observou o mundo por muito tempo, e talvez agora permaneça apenas dormindo.

Naquele tempo a colheita era festejada no pôr do sol, todos festejavam, fogos ardiam, danças circulares, danças de dupla e de grupo, comida e pães para todos. Menos um festejava, um jovem era sacrificado a uma grande montanha que os protegia, como acreditavam.

E o jovem escolhido naquela noite era talentoso, foi erguido no alto da pirâmide de degraus grandes, com serpentes decorando suas laterais, um altar já vermelho de tanto sangue ali derramado. Ele foi erguido e caiu sobre uma espada curta, feia e mal afiada, ela lhe atravessou o coração e sua alma caminhou para o oeste, para onde o sol, naquele exato instante, se punha. Para a montanha.

Ele se tornou montanha, e a montanha se tornou ele.

O que antes foi para ele um ano agora lhe era um suspiro.

Assim viu seu povo abandonar os sacrifícios na primavera seguinte, algo os espantou dali, muitos morreram, a fome os assolou, o medo... Não sacrificaram um num ritual, mas todos morreram de fome, pragas ou guerras. Nenhum morreu em paz.

Mais anos se passaram, seu povoado ficou seco, abandonado, sua pirâmide ganhou o aspecto de ruína, as cores desapareceram, as plantas começaram a crescer sobre ela.

Mais e mais anos. Ele viu gente nova passando por ali com medo, era um lugar amaldiçoado, a montanha não lhe protegia mais, apenas lhe observava...

Séculos e novas pessoas vieram, mas não sacrificavam, não honravam os que antes ali viveram, era diferentes... Nem mesmo a pirâmide respeitaram, transformaram-na num hotel, derrubaram parte de suas paredes e tamparam os buracos com vidro azulado.

O céu era mais escuro e vermelho no crepúsculo deste dia que naquele dia do último sacrifício. A cidade nova crescia, pessoas novas surgiam e a prosperidade era alta.

Falava-se que a montanha voltava a lhes proteger.

Então edifícios ainda mais altos que a pirâmide foram construídos, uma enorme estátua foi construída sobre a montanha, e logo a cidade começou a crescer sobre ela.

Cada crepúsculo era mais vermelho.

Então a última rocha da superfície da montanha foi feita em pedaços, um novo edifício seria construído, a noite era vermelha então, e o crepúsculo durou até o amanhecer, a montanha naquela noite morreu, o jovem talentoso de novo caiu em seu sono, o que antes lhe eram suspiros agora eram eternidades inteiras.

Uma nova praga assolou a cidade e crianças nascidas durante a noite não viam o amanhecer... logo a pirâmide de novo foi assolada com insetos e ervas daninhas, logo os edifícios se tornaram ruínas.

Um raio de sol brilhou no céu, iluminou aquelas ruínas, viu-se azul e verde, algo de amarelo e muito pouco de vermelho.

Mas a montanha e seu povo já estavam mortos.

# A Vassoura Que Não Sabia Dançar

Era uma vassoura que não sabia dançar.

Ela vivia num teatro, ficava atrás da coxia ouvindo o balé, o sapateado e aplausos das platéias à noite. Só saía de lá para limpar a poeira, os confetes e os papéis brilhantes que caíam durante o espetáculo.

Imaginava como seria lindo ver aquilo tudo acontecendo… a chuva de papéis coloridos, parecendo uma chuva de gotas brilhantes, as dançarinas desviando de cada uma delas, a música extenuante… E lamentava, e sentia uma dor profunda… não podia ver nada disso, não podia dançar com elas…

Era uma vassoura muito triste, detestava sua forma: achava que tinha cabelos horríveis, que era dura demais para a dança! Era uma vassoura de piaçava ainda, tão antiga… Não sabia, mas vivia num teatro simples, decadente, mas mesmo assim acreditava que ali no palco estavam as portas para o paraíso.

Toda noite, logo que as últimas luzes se apagavam e o barulho da porta dos fundos se fechando era ouvido, como um despertador, ela emitia seu ruído de vassoura triste. Tentava se mover, tentava dançar, mas sozinha era incapaz. Chorava toda noite, e rezava às vassouras que viveram antes dela, rezava para que um dia pudesse ser diferente, pudesse dançar. Alguns dias ela praguejava, nunca soube de vassouras dançarinas, e por isso odiava ser o que era, odiava todas as vassouras.

Mas em outros dias lembrava-se que só viu vassouras quando era bem nova, quando ainda não tinha vindo ao teatro, e mal se lembrava desses dias tão distantes… era uma vassoura velha, sozinha, num teatro decadente.

Foi tanto tempo assim, dias tristes e sem esperança.

Uma nova menina começou seu espetáculo, ela era diferente das outras, era deslumbrada e desajeitada.

O novo espetáculo chamava-se A Bruxa do Carvalho, e precisavam de uma vassoura como esta de nossa história. A menina seria a bruxa.

No fim da dança os camponeses e camponesas perseguiam a bruxa próximo a um carvalho, e ela fugia, voando em sua vassoura, mas não sem antes mostrar os seus poderes chamando a vassoura que ficava escondida entre as folhas da árvore.

Ela caía no chão, com graça, como se fosse também uma bailarina, e dançava com a bruxa. Cordas no teto a ajudavam. Tudo era feito com tanta graça que nem parecia uma vassoura dura e chorona, ela parecia mesmo uma bailarina, se curvando conforme girava com velocidade.

Depois a vassoura levava a bruxa embora, observada pelo olhar assustado e aterrorizado dos camponeses. E o espetáculo fez tanto sucesso que a vassoura se tornou parte do elenco definitivo da casa, e outra vassoura foi comprada, a nossa não varria mais o palco. A bruxa fez seu sonho se realizar.

# O Dragão Branco

Do alto da torre onde vigio, onde passo a maior parte do meu tempo, onde encontro informações preciosas, posso ver toda manhã, no norte, o dragão branco.

Ele vive escondido atrás dos morros cobertos de mata do outro lado do rio escuro. Rio misterioso e sombrio: suas águas são sempre turvas e seu caminhar é lento. Todas as manhãs seu espírito solta seu bafo enchendo o ar de bruma e tudo umedece. Seu bafo só volta ao rio quando o meio dia é próximo, então vê-se o dragão branco descansando sobre os morros do norte.

Dizem que enquanto o bafo do rio ainda bloqueia a visão do céu o dragão voa procurando por comida e calor, então volta, espreita nos morros e observa o bafo baixar. É sua diversão preferida porque ele mesmo é filho do rio e nasceu no bafo.

Ele assiste a todo espetáculo depois vai embora para as paragens além dos morros e se esconde onde nenhum homem possa vê-lo (sabemos disso porque nem o mais bravo batedor encontrou seu lugar de repouso). Os mais gananciosos acreditam que lá guarda um grande tesouro. Dizem os mais sedentos por saber que esconde uma fonte de sabedoria. Mas eu, vigia da torre, acredito que o dragão apenas queira dormir em paz.

# Os Cachorros Azuis

Eles viviam numa clareira de uma floresta densa e escura, a floresta era de um verde hostil, não o verde brilhante da grama de esmeralda, nem as folhas coloridas de florestas tropicais, eram o verde dos pinheiros gelados mas em folhas largas e ásperas, sobre troncos duros, retorcidos e igualmente escuros.

O ar era sempre úmido, pela manhã a bruma impedia a visão de tudo ao redor, ao meio dia ainda se via o tapete branco cobrindo o chão de cascas secas.

Animais estranhos e perigosos viviam ali... Mas não eram motivo de medo durante a noite, porque as pessoas desapareciam ao anoitecer.

Eram pessoas estranhas, de hábitos incomuns. Não comiam nada, apenas a pequena pasta que carregavam num pote amarrado à cintura, uma pasta parecida com pasta de amendoim que era renovada a cada amanhecer. Diziam que quem comesse da comida da floresta atrairia a desgraça e ficaria preso ali para sempre.

Numa manhã todos sentiram algo estranho no ar e apareceram quando já não era amanhecer, seus suprimentos surgiram, mas em menor quantidade, todos estavam com fome, mas até o anoitecer sabiam que não poderiam comer nada dali.

Ao meio dia não tinham mais comida, sentiam fome.

O maior deles estava irritado, ele veio no horário de sempre, ele sabia que o pior poderia acontecer, todas aquelas pessoas com fome acabariam por cometer algum erro, acabariam por comprometer a todos, a anos de trabalhos, poderiam acabar com tudo que ele planejou.

Seria melhor que nem tivessem vindo, a terem vindo sem os suprimentos – mas decidiram tentar voltar antes da hora, todos, menos um.

Este um ficou, mas sentiu muita fome e comeu uma pequena fruta vermelha que encontrou na margem da clareira, ele sentiu um rubor cobrindo seu rosto, sentiu os cheiros da região, sentiu-se bem até ouvir barulho de folhas secas sendo pisadas, de cascas de árvore se quebrando sob as patas de algum animal que se aproximava, então sentiu medo.

Ele só pôde ver o vulto de um cachorro pulando em seu pescoço, não teve tempo de muito mais, estava morto.

Os outros, que tentaram desaparecer na noite antes do anoitecer escalavam os céus à procura de sua passagem, sua passagem era muito mais longa agora, andavam por inúmeras escadas escuras, por mundos ainda mais estranhos, encontrando monstros e abominações, mortos e vivos perdidos num limbo de escadas, sentiam-se cansados, perdidos, e tentaram voltar.

Uns foram mais rápidos que outros, e encontraram lá na clareira sua permissão para lá pisar de novo, mas logo pisavam percebiam que algo estava diferente, o ar estava mais leve, o vento parecia dançar, as brumas não mais caiam no chão, dançavam entre as folhas das árvores e o céu não podia ser visto, a clareira parecia um quarto sem janelas.

Logo os cachorros de pêlos azul cerúleo e de orelhas, patas e ponta de rabo vermelhas como fogo vieram correndo em sua direção, eram tantos cachorros que não adiantava correr, eram sempre alcançados ou surpreendidos por um novo cachorro que surgia das sombras.

Mas duas daquelas pessoas que chegaram depois perceberam o que se passava e estavam preparadas quando foram atacadas, um cachorro pulou por trás de um e ele conseguiu agarrar o cachorro, logo outro veio e o mesmo aconteceu, ele agora tinha dois cachorros nas mãos, segurando-os pela cabeça, tentou com todas as forças bater as cabeças dos dois cachorros até que desmaiassem.

Quando os jogou desacordados no chão dois cachorros passaram correndo a sua frente, atrás de uma menina, mas ela foi abatida por outro que surgiu da floresta.

As duas pessoas então correram de volta pela passagem através dos céus até a noite, mas só encontraram uma pequena escada e um quarto fechado, com pessoas tristes, feridas e muito brancas sentadas esperando por algo.

Logo que entraram outra pessoa entrou, estava sem roupas, com a pele toda branca, seus cabelos estavam azuis, seu corpo muito magro, ele andava se curvando a frente, como se estivesse realmente muito cansado.

Ele se justificou dizendo que para sair dali e viver como queria teve que se metamorfosear.

Ele era aquele que comeu a pequena fruta vermelha.

Então ele se escondeu num outro quarto, e nunca mais nenhuma daquelas pessoas foi vista.

# O Caminho dos Mortos

Deixar os corpos aos pássaros, deixar que os mortos voem espalhados pelo céu.

Enterrar em jardins, que floresçam na primavera.

Queimar e espalhar as cinzas ao vento, que no outono assistam a dança de folhas não mais verdes...

Que larguem o corpo às moscas? Que aprisionem e abandonem numa masmorra?

Moscas voam, masmorras são bases de castelos altos.

Talvez não haja forma de se livrar dos mortos...

Por traição ele foi condenado a uma morte horrível.

Existia uma árvore isolada entre a floresta e o bosque, suas folhas eram macias e tinham a textura de camurça, seu cheiro original ninguém se lembrava, mas hoje cheirava a morte. Ela tinha uma fenda no tronco, lá dentro ele seria aprisionado e abandonado à morte por fome, frio ou sufocado pela árvore.

Ela tinha o tronco grande o suficiente para que ele pudesse ficar inteiro lá dentro, sentado, encolhido. Colocaram barras de ferro na entrada da fenda. Pareciam presas fechadas escondendo um feto gigante.

Ele morreu, a árvore cresceu ainda mais e acabou engolindo seus ossos e as barras de ferro.

Seu espírito permaneceu desejando vingança.

Ele foi apanhado como bode expiatório, seu grupo desejava uma revolução, queriam derrubar o rei que lhes parecia injusto, mas ele foi traído por um dos seus, depois descoberto como amante da filha do rei, e entregue como organizador e manipulador.

Morto, traído, enganado.

Era como ele se sentia, e não importava a verdade. Era o que sentia ao morrer. Foi este sentimento que a árvore engoliu, que absorveu.

Sentimentos de vingança um dia foram passados de pais para filhos, de mães para filhas, de geração em geração as inimizades não arrefeciam.

Se ainda tivessem deixado seu corpo aos pássaros seu ódio se espalharia e não lhes causaria mal.

Anos se passaram. Era primavera e a história daquela árvore foi quase esquecida, caiu no tempo do mito, numa era em que poucos realmente acreditam nos mitos, passam o tempo procurando o sentido de coisas mortas, procurando a razão de sonhos, procurando a seiva da verdade nas águas frias do raciocínio.

Aquele reinou. Sua filha e seu amante reinaram. Seus filhos reinaram. O filho de seus filhos foi deposto. Os filhos do filho deposto se exilaram. O filho dos exilados armou uma forma de viver. Os filhos do que conseguiu sobreviver voltaram à terra do rei. Também seu sangue azul se tornou mito, não por ser a tanto tempo, mas por ser melhor fingir se esquecer. As pessoas procuram a razão e a verdade, mas preferem plantar um jardim virtual do lado de fora da porta.

Eles voltaram para as mesmas regiões. Construíram uma pequena casa, depois outra e outra. Já era um pequeno vilarejo entre o bosque e a floresta.

As flores da árvore eram brancas e grandes como um punho fechado, seu perfume voltou a ser agradável e se espalhava por todo aquele corredor entre as árvores de um lado e de outro, era a mais alta árvore e suas flores a coroavam como rainha do lugar.

Sob sua sombra se reuniam para festejar e discutir os caminhos do pequeno vilarejo. O desejo de reinar e mandar também se herda, afinal, e eles, apesar de não desejarem um golpe de Estado, se envolveram com política e empreendimentos.

Naquele dia festejavam... Estavam bêbados e erguiam brindes a um passado que se recusavam a lembrar. O vento balançou uma flor sobre eles, mas ela balançou mais que o vento poderia ter feito, algo mais a chacoalhava: o desejo de vingança de um espírito dormente dentro dela. A flor se tornou um pássaro branco e voou em direção ao sol. O caçula notou mas não comentou, colocou sua cerveja de lado e foi lavar o rosto.

Momentos depois ouviu uma confusão vinda da roda, voltou correndo e viu o primogênito de seus irmãos caído no chão, todos se afastavam. Ele tinha parado de respirar, diziam, morreu engasgado com uma semente que parecia de maçã, mas não tinham maçãs nem macieiras por perto.

Eram em três irmãos, agora dois. O que morreu tinha um filho pequeno, puderam ouvi-lo gritar dali mesmo. O caçula correu ate lá para ver o que se passava, teve um pressentimento ruim, o bebê gritava com muito desespero.

Quando chegou perto o bebê se calou, a janela estava aberta. Teve a impressão de ver um vulto branco voando para fora.

Ele correu mais. Quando viu o bebê parou. Ele estava todo sujo de sangue, talvez inconsciente, ainda respirava. Seus olhos sangravam, os dedos do bebê sujos de sangue...

Tudo aconteceu muito rápido. A ambulância estava ali, levando o bebê cego e o pai morto para a cidade. Os dois irmãos se olhavam com apreensão, deixaram a brasa da fogueira que fizeram para assar carne ali, soltando sua fumaça, não tiveram coragem de voltar lá. Mas a fumaça saía ainda durante o velório e o funeral.

O primeiro punhado de terra era para ter sido jogado pela esposa, mas caiu por detrás da lápide, ninguém viu quem jogou, ou se foi só um pequeno deslizamento, todos sentiram os cabelos da nuca se arrepiar naquele dia de bruma.

Um corvo voava mais alto, não podia ser visto, grasnando, e seu grasno parecia uma gargalhada.

O caçulo ficou muito perturbado depois daquele dia e começou a fumar, um dia seu cigarro caiu no escritório e tudo se incendiou, seu outro irmão morreu. Ele enlouqueceu e faliu, sofreu queimaduras graves e ficou deformado. Quando se recuperou abandonou tudo e vaga pelo mundo procurando um maldito corvo branco...

A primavera acabava.

As flores brancas caíam e se misturavam na terra, apodrecendo com a umidade das chuvas.

A árvore parecia mais leve, suas folhas recebiam a chuva mais alegremente.

Quem consegue se livrar do desejo dos mortos?

1. Inspirado na imagem acima, de autor desconhecido por mim… [↑](#footnote-ref-2)
2. Parte superior de uma coluna. [↑](#footnote-ref-3)
3. Na região a palavra terra não existe, [↑](#footnote-ref-4)
4. o termo seria um pronome de tratamento usado para humilhar, como este termo não existe no nosso idioma o termo *você* foi usado. [↑](#footnote-ref-5)